



5599 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
 GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

?Bailarina é delicada. Bailarino é forte?? gênero e sexualidade na educação de corpos de bailarinos/as
 Jeane Félix da Silva - UFPB - Universidade Federal da Paraíba
 José Rodolfo do Nascimento Pereira - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

“Bailarina é delicada. Bailarino é forte”: gênero e sexualidade na educação de corpos de bailarinos/as

Resumo: Este ensaio é parte de nosso projeto de dissertação de mestrado em Educação cujo objetivo é analisar os modos pelos quais o currículo produz, regula e (re)articula as aprendizagens sobre corpo, gênero e sexualidade em uma Escola de Dança. A pesquisa desenvolve-se na interface entre os estudos de gênero e sexualidade(s) e os Estudos Culturais. O trabalho de campo, realizado em uma escola de balé em um município nordestino, ocorre por meio da observação participante, de entrevistas com professores/as de balé e análise dos documentos curriculares da escola. As inquietações que movimentam a pesquisa são: existe um gênero apropriado para a prática do balé? Quais os modos de pedagogizar os corpos de meninos(as) na prática do balé clássico? A partir dessas questões buscamos problematizar os modos pelos quais os corpos de meninos(as), em uma escola de dança, são ensinados a se tornarem homens ou mulheres. Acreditamos na potencialidade desse espaço como (re)produtor e, ao mesmo tempo, transformador de pedagogias de gênero e sexualidade que reforçam modelos de masculinidade e feminilidade estabelecidos culturalmente.

Palavras-chave: Educação; Corpo; Gênero; Sexualidade; Balé.

AQUECENDO!

O balé tem sido, tradicionalmente, um espaço marcado por diferentes formas de ‘ser homem’ e de ‘ser mulher’. Para eles, é lugar de força, firmeza, ‘masculinidade’; para elas, de leveza, delicadeza, ‘feminilidade’. O balé é uma experiência vivenciada em um corpo que é, ao mesmo tempo, generificado e sexualizado. Tomamos o(s) corpo(s) como construções sociais atravessadas por marcadores de gênero e sexualidade, o que nos permite dizer que os sentidos atribuídos a esse(s) corpo(s) podem ser ensinados e aprendidos. Partindo desse pressuposto, em nosso trabalho, reconhecemos e problematizamos as diferentes pedagogias de gênero e sexualidade que são postas em funcionamento para ensinar “fôrm” de masculinidades e feminilidades a estudantes de uma escola de balé.

A pesquisa, em andamento, desenvolve-se na interface entre os estudos de gênero e sexualidade(s) e os Estudos Culturais da Educação. O trabalho de campo, está sendo realizado em uma escola de balé localizada em um município nordestino e se desenvolve por meio de observação participante e de entrevistas com professores/as, além da análise dos documentos curriculares da escola. As inquietações que movimentam a pesquisa são: existe um gênero apropriado para a prática do balé? Quais os modos de pedagogizar diferentemente os corpos de meninos e meninas na prática do balé clássico? Acreditamos na potencialidade desse espaço como (re)produtor e, ao mesmo tempo, transformador de pedagogias de gênero e sexualidade tradicionais que reforçam modelos de masculinidade e feminilidade estabelecidos social e culturalmente.

ALONGANDO...

Compreendemos gênero como uma ferramenta teórica, política e pedagógica (MEYER, 2004) que “vai nos constituindo como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo” (LOURO, 2013, p. 16). Em outros termos, acreditamos que existem formas plurais de ser homem e de ser mulher que não se limitam a forma homem-forte e mulher-delicada, conforme propõe, em geral, o balé, e que isso é pedagógico, ou seja, aprendido e ensinado. Na mesma direção, compreendemos a sexualidade como construção social e cultural, que não pode ser vista levando em conta apenas os aspectos biológicos, na medida em que “esses ganham sentido através de processos inconscientes e formas culturais” (WEEKS, 1993). A sexualidade é, assim, plural, “tecida nas redes de todos os pertencimentos sociais que abraçamos” (WEEKS, 1995, p. 88), podendo ser vivida e expressada de diversas maneiras.

O corpo, por sua vez, também é compreendido como construção social. Não negamos sua materialidade, mas reconhecemos que os sentidos atribuídos aos corpos são dados na cultura, por meio de estratégias pedagógicas. Além disso, concebemos o corpo como um artefato sexualizado e generificado. Nessa direção, o corpo vai além de um conjunto de músculos, ossos e articulações, ele é transformação, é dor, prazer, sensação. O corpo é instrumento de (re)existência, de luta, é uma ferramenta política e pedagógica. O corpo seria, pois, uma ferramenta de projeção de sentidos, significados e valores (LE BRETON, 2006).

Assim, na direção com que estamos operando aqui, e voltando ao locus da escola de balé, concordamos com Louro (2014, p. 56) quando indica que “as práticas escolares não são meros transmissores de representações sociais que estão a circular em algum lugar, ‘lá fora’; são instâncias que carregam e (re)produzem representações”, de corpo, gênero e sexualidade. A escola de balé, assim como as demais instituições educativas, também ensinam sobre corpo, gênero e sexualidade e é sobre essas aprendizagens que nossa pesquisa se concentra.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A metodologia empregada em nossa pesquisa não busca seguir um caráter rígido e prescritivo, ao contrário, se propõe a criar estratégias e pistas para melhor analisar o objeto e os sujeitos da investigação. O locus da pesquisa é uma escola de balé, referência no ensino do balé clássico para pessoas de todas as idades, localizada em um município nordestino. Conhecida nacionalmente pela sua tradição no ensino do balé, a escola hoje oferta outras modalidades de dança, apresentando, pois, uma proposta curricular diversificada.

Desse modo, esta pesquisa está sendo desenvolvida por meio das seguintes estratégias: observação participante e entrevistas semiestruturadas. Inicialmente, optamos pela estratégia da observação participante nas aulas, ensaios e cursos oferecidos pela escola às crianças e adolescentes. O registro das observações tem sido feito em um diário de campo. A segunda etapa, ainda não iniciada, será a realização de entrevistas com os/as professores/as, a coordenadora pedagógica e a diretora da escola campo desse estudo.

O material empírico produzido na pesquisa está sendo examinado na perspectiva da análise cultural. Apoiada nas lentes dos Estudos Culturais e, principalmente, no conceito de cultura, este tipo de análise busca explorar seu alcance epistemológico como sistema capaz de interpretar significados (MORAES, 2011). Segundo Costa (2010, p. 133), "as sociedades e culturas em que vivemos são dirigidas por poderosas ordens discursivas que regem o que deve ser dito e o que deve ser calado e os próprios sujeitos não estão isentos desses efeitos", partindo dessa ideia, os fatos passam a existir na medida em que são nomeados. A análise cultural consiste basicamente em um modelo analítico que, segundo Costa (2010, p. 29), leva em conta "uma conjunção dos Estudos Culturais com a Educação para a ampliação do âmbito de reflexões" que nesse caso, se situa no campo reflexivo de uma escola que opera na [re]produção de corpos de meninos e meninas por meio da prática do balé clássico.

ANÁLISES (INICIAIS) E CONSIDERAÇÕES (FINAIS)

A partir do desenvolvimento da pesquisa, em andamento, já é possível perceber que estratégias empreendidas pelas pedagogias de gênero e sexualidade se apresentam com força em ações e exigências que são feitas, diferentemente, aos meninos e às meninas. Por exemplo, os meninos precisam ser fortes (ter força para carregar as meninas) e não serem "afeminados" é uma exigência nas várias atividades que temos observado. Cotidianamente, eles ouvem frases que potencializam um modelo de homem masculinizado, forte e viril. Às meninas, ensina-se a leveza, a graça e a delicadeza para bailar "leve como uma pluma". As diferentes expectativas esperadas de meninos e meninas acabam por caracterizá-los/as em modelos tradicionais de "ser homem" e "ser mulher". Borrar essas expectativas de gênero é se colocar na contramão de uma educação que ensina homens e mulheres a ocuparem posições binárias, supostamente fixas e opostas. Observamos, ainda, padrões corporais diferentes exigidos aos meninos e meninas, tais como: magreza, para elas, corpos mais fortes, para eles. Observamos, também, a reificação da heterossexualidade como norma para ambos.

Em face do exposto aqui, percebemos a necessidade de reflexões que desestabilizem os padrões de educação sexista, dando lugar a outras formas de educar que valorizem as singularidades e as diferentes formas de ser e estar no mundo, experimentando diferentes formas de expressar e viver gênero e sexualidade(s).

REFERÊNCIAS

COSTA, Maria Vorraber. **Sobre as contribuições das análises culturais para a formação dos professores do início do século XXI**. Revista Educar, Curitiba, n. 37, p. 129-152, maio/ago. 2010. Editora UFPR. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n37/a09n37> Acesso em: 07/02/2017

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes Louro. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 9. ed, 2013, p. 30-42

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 7ed. Petrópolis: Vozes, 2014

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Editora Vozes; 2006. 104 pp

MORAES, Ana Luiza Coiro. **A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas**. Revista de Epistemologias da comunicação.v. 4, n. 7. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/12490> Acesso em: 20/05/2017

MEYER, D. E.; Soares, R. F. R. (2004). "**Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão**". In: Meyer, D. E. (org.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre, Mediação, pp. 5-6.

PARAÍSO, MarLucy Alves. **Contribuições dos estudos culturais para a educação**. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, v. 10, n. 55, p. 53-61, jan./fev. 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu.. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

WEEKS, Jeffrey. *Invented moralities: sexual values in an age of uncertainty*. Nova York: Columbia University Press, 1995.